

ETERNAS EMOÇÕES

A questão do remake na telenovela brasileira

texto de

MAURO ALENCAR

Resumo

A identidade é a marca, o registro do tempo. Cada tempo tem a sua identidade e linguagem. Remake: velhos temas com novas identidades, novos registros. É a “transformação” da telenovela. Um processo que ganhará impulso a partir da década de 80. Vamos reviver e questionar um pouco deste recurso da telenovela que muito bem poderíamos chamar de **Eternas Emoções**.

CAPÍTULO 1

ORIGENS DA TELENOVELA DIÁRIA

Em julho de 1963, o gênero telenovela (tal e qual conhecemos hoje) é importado da Argentina pelo diretor artístico da TV Excelsior, Edson Leite, que entregou o texto original de Alberto Migré (**0597 da Ocupado**, um grande sucesso da televisão argentina) à experiente e muito bem conceituada radionovelistas Dulce Santucci.

Vale aqui fazer uma pausa para lembrar que a tv brasileira - PRF 3 TV Tupi - nasceu em 18 de setembro de 1950. A primeira experiência dramaturgicamente ocorreu em novembro do mesmo ano pelas mãos do diretor Cassiano Gabus Mendes ao adaptar para tv um filme norte-americano com o título de **A Vida Por Um Fio**, com a atriz Lia de Aguiar.

Somente em 21 de dezembro de 1951, através de Walter Forster é que a novela começou a ganhar contornos do que viria a ser em 1963. O diretor, autor e ator protagonista (ao lado de Vida Alves), levou ao ar **Sua Vida Me Pertence**. Tendo como base a estrutura radiofônica de apresentar dramaturgia, resolveu lançar a telenovela (com 15 capítulos exibidos 2 vezes por semana) propriamente dita. Daí suas ligações com o folhetim do século XIX, o cinema seriado da década de 50 e toda a estrutura da radionovela de então. Além do cenário excessivamente teatral (“remember” os famosos teatros das décadas de 50 e 60).

Diante de tal êxito, Edson Leite resolveu apresentar a telenovela em capítulos diários (valendo-se de que vídeo-teipe começava a desenvolver-se no Brasil). Encarregou, assim, Dulce Santucci para adaptar o texto argentino de Migré, que no Brasil, foi apresentado com o título de **2.5499, Ocupado** (o número era uma referência ao número dos canais de televisão existentes no Brasil em 1963).

Assim, o Brasil importava da Argentina o texto, o formato e até o produtor (Tito di Míglia).

De lá (1963) para cá (1999) muitos capítulos rolaram, ou melhor, foram exibidos pela telinha, conquistaram novos adeptos (com **Beto Rockfeller** e **Irmãos Coragem**), ganharam o mundo (com **O Bem-Amado** e **Escrava Isaura**), conheceram a união com

países de língua portuguesa e espanhola (como **Salsa e Merengue** e **Mulheres de Areia**), e a produção exclusiva de textos brasileiros no Chile (a exemplo de **Transas e Caretas**).

Apesar de todo esse caráter expansionista e da alta tecnologia conquistada pela televisão brasileira, em especial pela Rede Globo de Televisão, de tempos em tempos nossos romelistas e diretores recorrem à estratégia do “remake”, ou seja, buscam em novelas contadas no passado o alimento para o presente.

Acompanhar a releitura de alguns clássicos que se transformaram em emoções eternas como **Mulheres de Areia**, **Pecado Capital** e **2.54999, Ocupado** é o nosso próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

ETERNAS EMOÇÕES AOS PEDAÇOS

Em março de 1964, a TV Tupi inaugurava o horário nobre - 20h - com a novela **Alma Cigana**, de Ivani Ribeiro, baseada em original cubano de Manuel Muñoz Rico. Com Ana Rosa e Amilton Fernandes, a novela foi dirigida por Geraldo Vietri que, sete anos depois, resolveu recontá-la com o nome de **A Selvagem**.

Valendo-se da bela atuação de Ana Rosa em papel duplo (seriam gêmeas ou dupla personalidade?), a novela marcou época em que constantemente a mulher via-se dividida ao meio para contentar a audiência sem ferir os censores e os bons costumes da década de 60 e início dos anos 70.

Assim, pela manhã, Ana Rosa vivia a irmã Estela. À noite, num acampamento era a cigana Esmeralda. Tentando compreendê-la, estava o capitão Fernando (Amilton Fernandes, na versão original) e Henrique Martins (Fernando, na segunda versão). Em tempo: Estela e Esmeralda eram gêmeas.

Em dezembro de 1964, vinda também diretamente de Cuba, **O Direito de Nascer**, de Félix Caignet, foi a responsável pela firmação do gênero ‘telenovela’. Com adaptação de Talma de Oliveira e Teixeira Filho, a novela (com direção geral de José Parisi) foi a primeira em monopolizar todas as atenções. Provocou verdadeiro delírio coletivo nos

telespectadores que tinham total identificação com os personagens vividos por Amilton Fernandes (Albertinho Limonta), Nathália Timberg (Maria Helena), Isaura Bruno (Mamãe Dolores), Guy Loup (Isabel Cristina), José Parisi (Dom Jorge Luís), Maria Luíza Castelli (Conceição) e Elísio de Albuquerque (Dom Rafael do Juncal), entre outros.

Os clássicos personagens criados por Caignet, voltam à tela em julho de 1978. “Não teve a repercussão da versão anterior. A adaptação atualizada de Teixeira Filho e Carmem Lúcia procurou amenizar as cenas mais chorosas. Perdeu o seguimento linear, utilizando o recurso do flash-back para mostrar os antecedentes do nascimento de Albertinho Limonta”, comentava o jornalista Ismael Fernandes em seu livro “Memória da Telenovela Brasileira”, em 1987, do qual participei como colaborador. No elenco, Carlos Augusto Strazzer (Albertinho Limonta), Eva Wilma (Maria Helena), Cléa Simões (Mamãe Dolores), Beth Goulart (Isabel Cristina), Adriano Reys (Dom Jorge Luís), Lia de Aguiar (Conceição) e Aldo César (Dom Rafael do Juncal).

Outros tempos. A novela vivia sua época de ouro, em que a Rede Globo, mais do que nunca a Vênus Platinada, era uma verdadeira hollywood dos trópicos. Naquele momento, as novelas produzidas, muito particularmente, pela Rede Globo de Televisão, estavam se constituindo no produto industrializado cultural brasileiro mais importante do século.

De todo modo o SBT mantém na gaveta mais uma versão de **O Direito de Nascer**, produzida em 1998.

Ainda sobre teledramaturgia na década de 60, Lúcia Lambertini escreve **As Professorinhas**, na TV Cultura. Com Edy Cerri, Ivete Jayme e Célia Rodrigues, em 1965. A novela, é claro, falava do universo da professoras e encaixava-se perfeitamente no estilo de dramaturgia que interessava à Cultura.

O mesmo texto seria reaproveitado pela Record em 1968, com Edy Cerri, Tamara Restier e Elizabeth Gasper.

Éramos Seis, romance melodramático de Maria José Dupré com forte apelo popular já esteve presente em nossa tevê por três vezes (isso sem contarmos uma versão produzida na década de 50, com dois capítulos por semana). Assim, a primeira, na TV Tupi, em 1967, adaptada por Pola Civelli. Com Cleyde Yáconis, Sílvio Rocha, Plínio Marcos, Roberto Orosco, Antonio Carlos e Guy Loup.

Dez anos depois, Sílvio de Abreu e Rubens Ewald Filho, recontam a trajetória de Dona Lola (Nicete Bruno) ao lado do marido Júlio (Gianfrancesco Guarnieri) e dos filhos Carlos (Carlos Augusto Strazzer), Alfredo (Carlos Alberto Riccelli), Julinho (Ewerthon de Castro) e Isabel (Maria Isabel de Lizandra). Direção de Atílio Riccó.

Em 1994, o SBT resolve, mais uma vez, abrir nova temporada de novelas. E o remake de **Éramos Seis** foi o melhor produto da casa (antes que pela milésima vez a emissora de Sílvio Santos se rendesse aos folhetins hispânicos). Com Irene Ravache, Othon Bastos, Tarcísio Filho, Jandir Ferrari, Leonardo Brício e Luciana Braga. Direção de Nilton Travesso, Henrique Martins e Del Rangel.

Ainda sobre **Éramos Seis**, nunca é demais lembrar que a personagem ‘Dona Lola’ esteve sempre muito bem representada.

Esta nova temporada novelística - e totalmente brasileira! - do SBT renderia ainda outros remakes:

As Pupilas do Sr. Reitor (um clássico dos velhos tempos da Rede Record, adaptado do romance de Júlio Dinis por Lauro César Muniz). Contando a história das pupilas Clara e Margarida (Maria Estela e Márcia Maria) tuteladas pelo reitor Padre Antônio (Dionísio Azevedo), a novela apresentada pela Record às 19h, entre março de 1970 e março de 1971, fez muito sucesso. Com Agnaldo Rayol e Fúlvio Stefanini.

Em 1994/95, vamos encontrar os mesmos habitantes da aldeia de Póvoa do Varzim, no Minho, em Portugal, adaptados por Ismael Fernandes, Chico de Assis, Analy Alvarez, Aziz Bajur, Bosco Brasil e Zeno Wilde. Com Juca de Oliveira, Débora Bloch, Luciana Braga, Eduardo Moscovis e Tuca Andrada. Direção de Henrique Martins, Del Rangel e Nilton Travesso.

Depois é a vez de Vicente Sesso reescrever um antigo sucesso da TV Excelsior, de de fevereiro de 1969 a janeiro de 1970: **Sangue do Meu Sangue**. No Segundo Reinado encontramos o desmemoriado Carlos (Francisco Cuoco), a mulher (Nicete Bruno) e os filhos. Anos depois, a história girará em torno de Lúcio (novamente Cuoco), filho de Carlos, que lutará para que seja abolida a escravatura e, ainda, para descobrir a verdade em relação a seu pai. Pola (Tônia Carrero), a mulher que protege sua família e a grande paixão de Lúcio, está por trás de todo o passado. Direção de Sérgio Britto.

Assim, de julho de 1995 a março de 1996, a novela de Vicente Sesso (também adaptada por Rita Buzzar e Paulo Figueiredo), foi apresentada no SBT, mas sem a glória que fizera na extinta Excelsior.

Marcada por desentendimentos autorais (entre o autor do texto original e os adaptadores), a novela ainda ficou comprometida por uma escolha irregular do elenco. No papel de pai e filho (um dos grandes momentos da carreira de Francisco Cuoco), assistimos agora Jayme Periard e Tarcísio Filho. Lembro-me que o grande charme da novela era assistir Francisco Cuoco em papel duplo! Ainda, no elenco: Lucinha Lins, Bia Seidl (Pola Renón, sem a presença cênica-televisiva de uma diva como Tônia Carrero; ainda que Bia seja uma belíssima mulher), Osmar Prado, Lucélia Santos (Júlia Camargo, em papel pesado mesmo para o talento de Lucélia. Na primeira versão, o papel era representado por Fernanda Montenegro) e Rubens de Falco.

Por fim, Vicente conseguiu endireitar a novela e a participação especial de Tônia Carrero como Cecile Renón trouxe de volta à trama o velho charme da primeira versão.

Muito agradável também era assistir a reunião de Lucélia Santos e Rubens de Falco (Mário, o banqueiro, pai de Júlia). O casal mais exportado da televisão brasileira provoca uma química televisiva insuperável quando se une em novela de época!

Em 1996, o SBT produz **Razão de Viver**, a rica versão de **Meus Filhos, Minha Vida**, um sucesso da emissora dos velhos tempos pobreza e enchente nos estúdios da Vila Guilherme, escrita por Crayton Sarzy, Henrique Lobo e Ismael Fernandes. Em 1984/85, a novela girava em torno de Dona Luzia (Mirian Pires, excelente como sempre) às voltas

com três filhos - André (Dênis Derkian), Pedro (Carlo Briani) e Mário (Raymundo de Souza).

O texto - agora adaptado por Zeno Wilde e Anely Alvarez, com supervisão de Chico de Assis, não aguentou o “requisite” da produção essebeteana em tempos de Compexo de Produção Anhanguera.

A Dona Luzia vivida por Irene Ravache (ainda que uma boa atriz) em nada lembrava a batalhadora e emotiva representação de Mirian Pires. Com Marco Ricca, Petrônio Gontijo, Gabriel Braga Nunes.

Finalmente, **Os Ossos do Barão**, a clássica novela de Jorge Andrade que marcou época na Globo entre outubro de 1973 e abril de 1974, chegava à popularesca tela do SBT em 1997. Ambientada no final dos anos 40 e início dos 50, a novela adaptada por Walter George Durst (com direção geral de Nilton Travesso) não combinava com a programação da emissora paulista. Alguns desencontros também contribuíram para o desajuste.

Durst, um dos grandes mestres da televisão brasileira, talvez pouco à vontade numa emissora que bem pouco tem de tradição com a novela brasileira, amarrava, com pouco entusiasmo, duas novelas de Jorge Andrade - **Os Ossos do Barão** e **Ninho da Serpente** - que conquistaram grande prestígio em outros tempos. A primeira, **Os Ossos do Barão** (reunião de dois textos teatrais do dramaturgo paulista: **A Escada** e **Os Ossos do Barão**). De um lado, a aristocracia empobrecida com o cracking da Bolsa de Nova York e a conseqüente queda do café, representados, na trama, por Antenor (Paulo Gracindo, em mais uma magistrção criação) e sua família. Do outro lado, Egisto Ghirotto (Lima Duarte), o imigrante enriquecido com a indústria.

Ninho da Serpente, outro sucesso de Jorge, agora na Rede Bandeirantes, em 1982, narrava a luta pelo poder no mundo aristocrático da família Taques Penteado, liderados por Guilhermina (Cleyde Yáconis, num dos melhores momentos de sua carreira). O desaparecimento do patriarca - Cândido - impulsiona a trama e acirra a ganância entre os herdeiros.

Na segunda versão, a família Taques Penteado perdeu o charme e a vitalidade da família instalada numa mansão dos Jardins, em São Paulo. Ainda que a idéia de tornar central o personagem Cândido Taques (em mais uma bela interpretação de Rubens de Falco) tenha sido excelente.

Mas os cenários da casa situada no bairro de Higienópolis, em São Paulo, moradia dos quatrocentões falidos deixava imensa saudades da produção global. Principalmente “a escada” (com seu belíssimo vitral ao fundo) em que o inesquecível casal Antenor e Melica (Paulo Gracindo e Carmem Silva) subia e descia, indo parar de apartamento em apartamento, de filho em filho.

O elenco central da segunda versão: Juca de Oliveira (Egisto Ghirotto), Leonardo Villar (Antenor), Cleyde Yáconis (Melica), Imara Reis (Guilhermina).

Mesmo assim, a novela destacou a beleza de Ana Paula Arósio (Isabel, representada na primeira versão por Dina Sfat) e seu interessante relacionamento com Martino (Tarcísio Filho, vivendo o papel que fora de José Wilker).

Destaco, também, a atuação de Bárbara Fazio como Ismália. Um belo papel representado por Elza Gomes na primeira versão.

Leonardo Villar também esteve presente na versão global. Foi Miguel, filho de Antenor (curiosamente o seu papel na segunda versão). E Miguel, agora, foi representado por Othon Bastos. No papel de sua mulher, a aristocrática Verônica, encontramos Clarisse Abujamra (Maria Luíza Castelli, em 1973).

E a Bianca Ghirotto, feita por Lélia Abramo, recebeu mais uma vez intérprete à altura: Jussara Freire.

Em tempo: na primeira versão, tanto **Os Ossos do Barão** como **Ninho da Serpente** se passavam na época atual, ou seja, 1973 e 1982, respectivamente. Na segunda versão, a novela (reunindo as duas) foi ambientada em fins da década de 40 e início dos anos 50.

Passada mais essa onda de brasilidade, o SBT tratou de acertar as contas e partir para o prato da casa. Mesclar texto e produção brasileira com outros países.

Com muito êxito, a emissora vem exibindo, desde 1997, **Chiquititas**, uma novela (com formato das intermináveis soap-operas americanas) em parceria com a Telefe, a maior emissora Argentina. **Chiquititas** é um fenômeno na Argentina e no Brasil, onde encontrou um público bastante fiel para esta agradável produção com objetivos bastante claros e definidos. É uma história muito bem-feita para crianças, com crianças e que, isso sim, muito importante, fala a linguagem da criançada até chegar na adolescência.

Para incrementar seu departamento de novelas recém-ativado em 1979 (com a novela **Cara a Cara**), a Rede Bandeirantes buscou na primeira superprodução de televisão brasileira alimento para os seus telespectadores. **A Deusa Vencida**, de Ivani Ribeiro, exibida em 1965 pela TV Excelsior com Glória Menezes, Edson França, Tarcísio Meira e a estréia de Regina Duarte.

Na Bandeirantes, a novela foi recontada com Elaine Cristina, Roberto Pirillo, Agnaldo Rayol e a novata Neuci Lima.

A idéia da adaptação partiu do diretor Walter Avancini (o mesmo para as duas versões). E esta, apresentada em 1980, foi bastante agradável. Destaque também para a abertura, que utilizou o mesmo tema da primeira versão: “Balada Para Uma Deusa Menina”, de Zaé Junior e Paulo Idelfonso.

O mesmo Avancini sugeriu a recriação do romance auto-biográfico de José Mauro de Vasconcelos: **O Meu Pé de Laranja Lima**.

Ivani Ribeiro já havia escrito a adaptação entre 1970 e 71 para a TV Tupi, com Haroldo Botta (Zezé), Cláudio Corrêa e Castro (Manuel, o Portuga) e Eva Wilma (Jandira).

Agora encontramos os nomes de Alexandre Raymundo, Dionísio Azevedo e Baby Garroux. No ar, entre setembro de 1980 e abril de 1981.

A mesma Bandeirantes (popularmente rebatizada por Band), tratou de fazer uma terceira versão da novela, em 1998/99, agora adaptada do original de Ivani Ribeiro por Ana Maria Moretzsohn. Com Caio Romei, Gianfrancesco Guarnieri e Flávia Pucci.

Em 1985, a Rede Manchete entra no páreo da teledramaturgia trazendo um dos maiores sucessos da televisão brasileira: **Antônio Maria**, novela escrita e dirigida por Geraldo Vietri. Era a reedição da história de amor do galante português Antônio Maria (outrora vivido por Sérgio Cardoso, em 1968/69, na TV Tupi) por Heloísa Dias Leme (Aracy Balabanian).

Agora, assistimos ao ator português Sinde Felipe e a atriz Elaine Cristina à frente do elenco.

Há pouco a comentar. A importância histórica da primeira versão é tão grande (bastaria dizer que a novela iniciou o processo de revolução na teledramaturgia brasileira) que isso, por si só, já bastaria.

Mas, houve um equívoco. Vietri resolveu apresentar ao público os antecedentes de Antônio Maria. Com isso, um dos maiores segredos da novela, o milionário que se faz passar por chofer já estava desvendado logo na primeira semana.

E ainda que Sinde Felipe seja um ótimo ator, impossível compará-lo com o carisma e a popularidade que Sérgio Cardoso tinha em 1968.

Vietri apresentou ainda, na Manchete, outro remake. **Floradas na Serra**, romance de Dinah Silveira de Queiroz, havia sido adaptado por ele dentro da série “Teleromance”, da TV Cultura em 1981, com Bete Mendes e Amaury Alvarez. Agora, o drama dos tuberculosos num sanatório em Campos do Jordão, no estado de São Paulo, no final dos anos 30, ganhava ares de minissérie com Myrian Rios e Marcos Winter, em 1991. Direção de Nilton Travesso.

Em 1987, o romance **Helena**, de Machado de Assis, volta às telas da tevê.

Lembro que foi com **Helena** que a Rede Globo relançou o seu horário das seis com novelas em maio de 1975, com Lúcia Alves e Osmar Prado.

Desta vez a conturbada relação de amor entre Helena e Estácio, era produzida em cores pela Rede Manchete numa livre adaptação de Mário Prata. Com Luciana Braga e Thales Pan Chacon.

Outro produto da série “Teleromance” renderia mais frutos. Em 1982, a TV Cultura apresenta **Seu Quequé** (do conto de José Condé), com Osmar Prado, Solange Theodoro, Regina Dourado e Nice Marinelli.

Na Globo, em 1984, os três casamentos de Quequé, um caixeiro-viajante, em três cidades distintas, foi mostrado na minissérie **Rabo de Saia**, adaptada por Walter George Durst, José Antonio de Souza e Tairone Feitosa, com Ney Latorraca, Dina Sfat, Lucinha Lins e Tássia Camargo. Um grande sucesso dirigido por Walter Avancini.

Outra importantíssima minissérie produzida pela Rede Globo também já havia sido apresentada na telinha. **O Tempo Vento**, obra de Érico Veríssimo, teve uma primeira versão apresentada pela TV Excelsior entre julho de 1967 e março de 1968. Com Carlos Zara e Geórgia Gomide, a novela foi adaptada por Teixeira Filho.

Na Rede Globo, em 1985, ganhou requintes de superprodução. Com Tarcísio Meira, Glória Pires, Armando Bógus e Lélia Abramo. Com adaptação de Doc Comparato e Regina Braga e direção geral de Paulo José, a minissérie até hoje é um marco na história da teledramaturgia brasileira.

CAPÍTULO 3

ETERNAS EMOÇÕES NA ALDEIA GLOBAL

Na maior produtora de novelas do Brasil (e uma das maiores do mundo), os remakes custaram um pouco a chegar. Pois a partir de 1969 e, mais especificamente, em 1970 (com **Irmãos Coragem**), a emissora carioca renovava-se a cada dia, a cada novela, a cada capítulo.

Se a TV Tupi foi a responsável pela revolução dramatúrgica do gênero, foi na Rede Globo que o gênero ‘telenovela’ se consolidou, ampliou e industrializou-se. É portanto a emissora responsável pelo “abrasileiramento” total da telenovela e de sua transformação enquanto produto de consumo em território nacional e internacional.

Aí, sim, ocorreu a segunda revolução da telenovela. A revolução industrial da ficção brasileira.

Somente em 1986, é que assistiremos à segunda versão de **Selva de Pedra**, a clássica novela de Janete que chegou a atingir 100 pontos de audiência, em 1972, com Francisco Cuoco, Regina Duarte e Dina Sfat. Direção de Daniel Filho e Walter Avancini.

Na atualização feita por Regina Braga e Eloy Araújo, o clássico triângulo formado por Cristiano, Simone e Fernanda, ganhou a pele dos atores Tony Ramos, Fernanda Torres e Christiane Torloni.

Impossível comparar o sucesso magnânimo da primeira versão com o remake. A começar pela diferença brutal entre as atrizes Regina Duarte e Fernanda Torres. Enquanto a primeira pode ser considerada um símbolo da televisão brasileira e da telenovela, a segunda tem um ‘timing’ teatral e nunca mais fez novelas. Estilos completamente distintos. E o que é uma novela senão uma história contada à medida em que vai sendo posta no ar. Além do texto do autor, há o diretor, editor, equipe de produção, sonoplasta, e, muito particularmente, os atores. E Janete chegou a dizer, certa vez, que Francisco Cuoco e Regina Duarte foram os atores que melhor representaram sua obra televisiva.

Portanto, é natural que os personagens na televisão vão se formando enquanto estão sendo representados. Como trazer a mesma carga emocional que parou um país para uma recriação, uma nova versão? Impossível.

Mesmo assim, alguns destaques. Christiane Torloni vivendo a enlouquecida Fernanda (ainda que a Fernanda de Dina Sfat tenha sido inesquecível!) e Miguel Falabella numa nova composição de Miro (ainda que na primeira versão o mesmo personagem tenha sido muito bem representado por Carlos Vereza, tornando-se um dos grandes sucessos da novela). Direção de Walter Avancini e Dênis Carvalho.

No caso de novelas originárias da TV Tupi ou Excelsior, a situação já é outra. Por mais sucesso que as novelas exibidas nestas emissoras tenham tido, nada compara-se ao pederio global iniciado na década de 70.

Ivani Ribeiro, a grande novelista da televisão brasileira e, em especial da TV Tupi até sua total falência, em 1980, só chegou à Globo em 1982, com **Final Feliz**.

Sua segunda novela na emissora do Jardim Botânico já foi um remake. **Amor Com Amor Se Paga** era na verdade **Camomila e Bem-Me-Quer**, exibida na Tupi entre 1972 e

73, com Gianfrancesco Guarnieri (na pele do avaro Olegário). Ivani, inspirou-se em **O Avarento**, de Molière.

Com o apuro técnico da Rede Globo e o excelente texto de Ivani Ribeiro, a novela que trazia à frente o excelente ator Ary Fontoura (como Nonô Correia) ao lado da empregada Frosina (Berta Loran), **Amor Com Amor Se Paga** foi um grande sucesso no horário das seis, em 1984, com direção geral de Gonzaga Blota.

Em 1985, Herval Rossano é o diretor de **A Gata Comeu**, comédia romântica de Ivani Ribeiro com Christiane Torloni e Nuno Leal Maia. A novela era a reedição de **A Barba Azul**, sucesso da TV Tupi, em 1975, com Eva Wilma e Carlos Zara.

Jô Penteadado (Eva/ Christiane) é a indomável solteirona que assistiu à morte de seis noivos! O professor Fábio (Zara/ Nuno) terá, entre tapas e beijos, que desmentir o mito. Um grande sucesso no horário das seis.

Depois, Ivani reescreve **Hipertensão**, em 1986/87, reedição atualizada de **Nossa Filha Gabriela**, exibida pela Tupi entre 1971/72, com Eva Wilma, Cláudio Corrêa e Castro, Abrahão Farc e Ivan Mesquita. Era a história dos três velhinhos que, no passado, haviam se casado com trígêmeas e, uma delas teve uma filha - Gabriela (Eva).

Agora, os velhinhos eram vividos por Cláudio Corrêa e Castro (Napoleão, repetindo o mesmo papel da primeira versão), Ary Fontoura (Romeu) e Paulo Gracindo (Candinho). E Gabriela era rebatizada de Carina (Maria Zilda).

Apenas mais uma novela no ar. Direção: Wolf Maya.

Em 1989, a curiosa **O Terceiro Pecado**, exibida pela TV Excelsior em 1968, é rebatizada com o nome de **O Sexo dos Anjos**, na Rede Globo, em 1989.

A trama atualizada, ainda que interesantíssima, não convenceu em fins da década de 80. A Morte (Bia Seidl) envia para a Terra um Mensageiro (Felipe Camargo) para buscar Isabela (Isabela Garcia). Mas o Mensageiro, encarnado como Adriano, se apaixona por ela e tenta levar em seu lugar a irmã má, Ruth (Sílvia Buarque). A Morte não aceita a troca, mas concorda em dar mais uma oportunidade à jovem. Ela poderá cometer dois pecados apenas; se cometer o terceiro, morrerá. Até aí tudo está ótimo. Desde que

contado na década de 20, como propunha o original. Era muito difícil acreditar nesta fábula sobre a morte (a novela foi a primeira incursão de Ivani Ribeiro no sobrenatural) ou nesta alegoria religiosa no mundo conturbado da última década do século XX. Mesmo assim, a novela mostrou-se bastante agradável e um excelente entretenimento. Direção Geral de Roberto Talma.

Vale registrar o elenco original: Nathália Timberg, Gianfrancesco Guarnieri e Regina Duarte (Carolina era o nome da personagem no texto original) e Maria Isabel de Lizandra.

Em 1993 e 1994, assistiremos, mais uma vez a dois grandes sucessos da telenovela brasileira. **Mulheres de Areia** e **A Viagem**. Mais uma vez, Ivani Ribeiro à frente de sua obra televisiva. Desta vez, com a colaboração de Solange Castro Neves e a direção geral de Wolf Maya.

Ambas foram clássicos da TV Tupi. **Mulheres de Areia**, exibida entre 1973 e 74 conta a história das gêmeas Ruth e Raquel (Eva Wilma) na disputa pelo amor do industrial Marcos Assunção (Carlos Zara). Ruth é bondosa, generosa. Raquel é perversa. Um dos momentos mais brilhantes na carreira de Eva Wilma. Destaque também para o Tonho da Lua vivido por Gianfrancesco Guarnieri.

Na segunda versão, encontramos o talento de Glória Pires no papel duplo. Com Guilherme Fontes e Marcos Frota. Assim como na primeira versão, o casal Malu e Alaor também ganhou destaque. Na primeira versão, Maria Isabel de Lizandra e Antonio Fagundes; na segunda, Viviane Pasmanter e Humberto Martins.

Entretanto, a segunda versão de **Mulheres de Areia** não esteve só. Ivani aproveitava outra trama de sua autoria, praiana também, para aumentar a novela. Era **O Espantalho**, exibida originalmente em 1977 pela Rede Record.

À época do lançamento do remake de **Mulheres de Areia**, Ivani Ribeiro dizia que “É como fazer uma terceira novela. Mais complicado que criar uma inédita”.

Depois, **A Viagem**. Era a reedição da novela espírita de maior sucesso na tv. A base da trama é a filosofia de Allan Kardec, para quem a morte não determina o fim. É a

vida após a morte. Na verdade, a novela mostrava as duas vidas de Dinah, César e Alexandre. Na segunda versão, César passou a chamar-se Otávio Jordão.

Na primeira versão, exibida na TV Tupi, entre 1975 e 76, encontramos Eva Wilma, Altair Lima, Ewerton de Castro e Tony Ramos nos papéis centrais.

Na segunda versão, recheada de outros métodos de espiritualidade e terapias alternativas que, invadiram o mundo, Christiane Torloni, Antonio Fagundes, Guilherme Fontes e Maurício Mattar lideraram o elenco deste grande sucesso do horário das sete.

Mais uma vez, **Mulheres de Areia** e **A Viagem** tornaram-se clássicos da televisão brasileira. Desta vez, na Rede Globo.

Ivani Ribeiro é, até o momento, a campeã em remakes de novela: por doze vezes seus textos já foram reeditados pela televisão.

Logo após **Mulheres de Areia**, assistiremos às seis horas, **Sonho Meu**. É a reunião das novelas **A Pequena Órfã** (TV Excelsior, 1968/69) com **Ídolo de Pano** (TV Tupi, 1974/75), dois originais populares de Teixeira Filho e Carmem Lídia.

Sonho Meu, de Lauro César Muniz e Marcílio Moraes, em 1993, trazia os originais em que se baseava de maneira tão camuflada que era quase uma nova novela. De **Ídolo de Pano**, trazia a luta dos irmãos Lucas e Jorge (Leonardo Vieira e Fábio Assunção) que, na versão original eram Luciano e Jean (Tony Ramos e Dênis Carvalho). E de **A Pequena Órfã**, a história da menina abandonada, Toquinho (Patrícia Aires) que encontra amparo no velho bondoso, o velho Gui (Dionísio Azevedo). Agora, a menina era Carolina (Carolina Pavanelli), ou Laleska como carinhosamente a chamava o seu protetor (Elias Gleizer).

Aos poucos, foi cativando os telespectadores e, por fim, recebeu até Xuxa e o cantor José Augusto em seu último capítulo, intérpretes do tema de abertura. Direção Geral de Reynaldo Boury.

Mas retrabalhar um clássico da tevê é tarefa árdua. Em 1990, a vítima foi a inesquecível **Dona Xepa**. A novela de Gilberto Braga, inspirada no texto teatral de Pedro Bloch, com direção de Herval Rossano, foi exibida, no horário das seis, em 1977. O sucesso foi retumbante. Yara Cortes representou a Xepa com tal garra e perfeição que parecia que iríamos encontrá-la a qualquer momento na feira. O elenco, primoroso, tinha Nívea Maria, Reinaldo Gonzaga, Cláudio Cavalcanti, Rubens de Falco e Edwin Luisi, entre outros. **Dona Xepa** foi, de fato, a novela que popularizou definitivamente o horário das seis em novelas.

Aí, a Xepa vira uma muambeira chamada Genuína Miranda que trabalha no camelódromo (um espaço de gosto duvidoso para a maior parte da população), usa uma roupas esquisitas e - acredite - uma interpretação falseada de Marília Pêra que, erroneamente (a atriz ou a direção) tirou a força e a agressividade da personagem. Vale lembrar o elenco: Isabela Garcia, Roberto Battaglin, Maurício Mattar, Rodolfo Bottino e Felipe Martins. Não é por um acaso que Arlete Salles salvou a pátria como Kika Jordão. Era, aí sim, uma verdadeira releitua da personagem Glorita Pires Camargo (estas grã-finas afetadas que Gilberto Braga escreve melhor do que ninguém), personagem que ganhou destaque na primeira versão através da atriz Ana Lúcia Torre. O maior desejo de Glorita era estar sempre nas colunas sociais e ser amiga de Isabel Becker (Ida Gomes), que na segunda versão será Laís Souto Maia (Suzana Vieira), casada com Conrado (Cláudio Cavalcanti, no papel que fora de Ênio Santos). Então, no remake, Kika tinha os mesmos desejos que Glorita. Só que de uma outra maneira, numa leitura totalmente nova de Arlete Salles. Tão interessante quanto a anterior.

O remake trazia, ainda, o antigo marido de Genu, Diego Miranda (Francisco Cuoco) e uma cleptomaníaca, Isabela (Drica Moraes, excelente) envolvendo-se com Wagner (Mário Gomes), um cínico da pior espécie. Enfim, entre um equívoco e outro, a novela serviu, ao menos, como entretenimento passageiro. Autores: Ana Maria Moretzsohn, Ricardo Linhares e Maria Carmem Barbosa. Direção Geral de Roberto Talma. Assim foi **Lua Cheia de Amor**, que em nada mesmo tinha de **Dona Xepa**.

Mas o maior problema em remake veio, infelizmente, em 1995, com **Irmãos Coragem**.

Justamente a novela que levou a Rede Globo para a liderança nacional em 1970, que atraiu de maneira muito forte a atenção de crianças e do público masculino para a telenovela, que consagrou atores, que marcou pelo tema de abertura, que foi a primeira cidade cenográfica da Globo, que transformou atores em mitos televisivos, que deixou eternizados personagens arquetípicos... Justamente o remake de **Irmãos Coragem** foi o mais desastroso da televisão.

Uma falta de sintonia com o texto original de Janete Clair que pedia a fictícia cidade de Coroado perdida no interior de Goiás. Um garimpo árido... Um coronel Pedro Barros (Gilberto Martinho, magnífico!) sujo, sórdido... Os irmãos unidos, valentes: João (Tarcísio Meira), Duda (Cláudio Marzo) e Jerônimo (Cláudio Cavalcanti). Suas namoradas, heroínas distintas entre si: Lara (Glória Menezes, dividindo-se, ainda, em Diana e Márcia), Ritinha (Regina Duarte) e a índia Potira (Lúcia Alves). Ainda, Sinhana, a Mãe Coragem encarnada com perfeição por Zilka Salaberry. E mais todos os outros moradores de Coroado.

Em 1995, Coroado é situado logo ali, em Minas Gerais. E não é mais um western, um faroeste bravio, um banguê-banguê brasileiro que em outros tempos fez aumentar a venda do brinquedo forte-apache. É uma novela que, em certos momentos, chega a ser poética. E em outros, árida demais para o horário das seis. No original, a novela havia sido escrita para o horário das oito. Sim, teve o Juca Cipó na boa interpretação de Murilo Benício e o Dr. Maciel (Emiliano Queiroz, que na primeira versão foi o Juca Cipó). A índia Potira de Dira Paes até que nos encantou um pouco; assim como o Jerônimo de Ilya São Paulo. Entre um equívoco e outro, a novela que tinha em seu elenco Marcos Palmeira, Marcos Winter, Ilya São Paulo, Letícia Sabatella, Gabriela Duarte, Dira Paes, Cláudio Marzo (agora no papel do Coronel Pedro Barros) e Laura Cardoso, também sentiu a troca de diretores. Luiz Fernando Carvalho e Reynaldo Boury foram os diretores gerais desta novela que, para a massa carente de grandes emoções, não valeu. Foi reduzida

em seu tamanho original (atualizada por Dias Gomes, Ferreira Gullar e Marcílio Moraes) e, em muito, na intensidade emocional que provocou nos telespectadores.

De todo modo, a emoção dos habitantes de Coroadó e a voz potente de Jair Rodrigues cantando “Manhã, despontando lá fora. Manhã, já é sol já é hora...” ficará eternamente no coração dos brasileiros. Assim como o Maracanã lotado que abria o primeiro capítulo da mais longa novela de Janete Clair: 328 capítulos, com direção de Daniel Filho.

Por outro lado, **Anjo Mau**, de Cassiano Gabus Mendes, com direção de Régis Cardoso, que em sua última semana de exibição atingiu 90 pontos de audiência, em 1976, teve um remake bastante interessante. Se Maria Adelaide Amaral não é uma comediógrafa ao estilo Cassiano, com seu charme e modo muito peculiar de tratar as mulheres, a premiada dramaturga apresentou uma versão até que bem original da trama que impulsionou a carreira novelística de Cassiano na tevê e firmou com humor e drama o horário das sete. Os tempos - 1997 - são outros. As maldades de Nice, infelizmente, viraram manual de sobrevivência, conforme observou a própria Adelaide.

Além disso, conforme já disse anteriormente, os atores acabam sendo “co-autores” das novelas. Suzana Vieira imprimiu uma “safadeza loira” na babá que não havia como repetir. Até porque as emoções são eternas até certo ponto. São eternas as emoções que, nós, telespectadores guardamos dos atores-personagens ou personagens-atores. Mas não há como transferir o que Suzana criou para Glória Pires, por exemplo. Assim como o tom que José Wilker imprimiu ao Rodrigo não se repetirá nunca mais. Perfeito, tendo “Meu Mundo e Nada Mais”, cantada por Guilherme Arantes, como sua música-tema. Na segunda versão o papel foi de Kadu Moliterno.

Foi assim que a babá Nice (Suzana Vieira) morreu no penúltimo capítulo e a babá Nice (Glória Pires) partiu num avião com Rodrigo e o filhinho do casal.

Querem mais. A quase estrepante Lavínia Vlasak foi uma Lígia bem menos fofa que a interpretada por Renée de Vielmond (que chamava-se Léa). Lembro-me que Léa irritava Cassiano. E a mim também.

Na versão 97 (que era, acertadamente em São Paulo. A primeira, sem maiores problemas, era no Rio de Janeiro), o casal mais pitoresco da novela era Stela e Tadeu (Maria Padilha e Daniel Dantas). Excelente. Mas impossível esquecer do Getúlio (era o nome original do personagem) de Osmar Prado, às voltas com a estonteantemente loira Pepita Rodrigues como Stela, a mulher extremamente ciumenta e possessiva. Em certos momentos, ela quase liderava a trama! E já que o assunto é beldade, a Paula interpretada por Vera Gimenez não precisava de mais nada. Um show de talento e beleza. Sua voz rouca ao som de Diana Ross (“Do you know where you are going to...”) era de enlouquecer qualquer um. De todo modo, Alessandra Negrini mostrou-se tão talentosa como Paula que acabou deslocando para si todas as maldades da novela. Direção Geral de Denise Saraceni.

Os novos núcleos criados por Maria Adelaide também foram bem interessantes. O português Américo (Sérgio Viotti) e sua singela relação com Goreti (Lília Cabral); a questão do racismo envolvendo Cida (Léa Garcia) e sua filha Tereza Novais (Luíza Brunet); a família Ferraz (Beatriz Segall, Cléo Ventura, Jackson Antunes, Bel Kutner e Gabriel Braga Nunes), os quatrocentões falidos; as artimanhas de Rui Novais (Mauro Mendonça) e o passado de Clô Jordão (Beatriz Segall) com Eduardo Medeiros (José Lewgoy) conferiu um charme todo especial à novela.

Assim é um remake. Uma eterna emoção que se transformou numa nova emoção; sem trair aquela eterna emoção e sem fazer com que o público se esqueça de uma emoção eterna. Até porque aquilo que é eterno, para sempre será.

CAPÍTULO 3

RENOVANDO VELHAS EMOÇÕES

Agora mais um remake está terminando. É **Pecado Capital**, de Janete Clair, recontado por Glória Perez, com direção geral de Wolf Maya e Maurício Farias.

A primeira versão, exibida em 1975/76, foi a primeira novela em cores do horário das oito horas da noite. Foi considerada a grande obra-prima de Janete Clair e Francisco Cuoco (no caso, sua interpretação como Carlão). Janete, a novelista mais representativa

da televisão brasileira, partia para um novo rumo em sua obra televisiva. Vinha numa linha evolutiva e da escola romântica, chegava ao realismo (sem esquecer da base folhetinesca, só que tudo contado como um retrato da sociedade seja classe alta ou periferia). Outros personagens-atores se destacaram e se eternizaram nesta novela dirigida por Daniel Filho: Lucinha (Betty Faria), Salviano (Lima Duarte), Eunice (Rosamaria Murtinho), Nélio (Dênis Carvalho), Vilminha (Débora Duarte)...

Glória Perez, fiel discípula de Janete Clair (foi colaboradora da última novela de Janete, em 1983/84, **Eu Prometo**), também está recontando **Pecado Capital** de maneira bastante interessante. É claro que existiu desajuste no quarteto central: Carlão (Eduardo Moscovis), Lucinha (Carolina Ferraz), Salviano (Francisco Cuoco) e Eunice (Cássia Kiss). Mas a chegada de Laura (Vera Fischer) foi bastante providencial para acompanhar a excelente atuação de Francisco Cuoco como o Salviano em fins da década de 90.

Além disso, sempre ficarei achando que todos os elementos de **Pecado Capital** - uma grande tragédia urbana - deveriam estar no horário em que foram criados: oito horas da noite.

Agora é aguardar se Carlão morre no final (a morte do Carlão na primeira versão comoveu o Brasil) ou fica com Lucinha. Ou se Lucinha termina sozinha ou casa-se com Salviano (na primeira versão Salviano, após todos os obstáculos familiares, casava-se com Lucinha). Ou se Salviano fica com Laura.

Uma coisa é certa: vale a pena ver de novo este **Pecado Capital** de 1999.

Por fim, na Rede Record, após o sucesso de **Estrela de Fogo**, novela rural de Yves Dumont que recolocou a antiga emissora paulista no universo da telenovela, encontramos o remake da primeira novela diária: **2.5499, Ocupado**, rebatizada de **Louca Paixão** por Yves Dumont, com direção geral de José Paulo Vallone e direção de Jacques Lagoa e Rodolfo Siloto.

Em julho de 1963, conforme já sabemos, inaugurou-se o gênero 'telenovela diária' e em consequência, o sonho nosso de cada dia. Era também o início da história do casal mais famoso da televisão brasileira: Tarcísio Meira (Larry) e Glória Menezes (Emily).

Emily era a presidiária que, por bons comportamentos, trabalha na secretaria do presídio. Ao telefonar para um armazém, a ligação, por engano, cai num escritório de

advocacia. Larry atende e... apaixona-se pela voz de Emily, sem saber, é claro, que esta era uma presidiária.

Em 1999, vamos Larry é André (Maurício Mattar) e Emily é Letícia (Karina Barum). André (um advogado que não exerce a profissão) é dono de uma revista de moda - Estilo - e já está apaixonado pela voz de Letícia. O público também. E a novela vai bem. Destaques para Suzy Rêgo (Vera, também presidiária e melhor amiga de Letícia), Cássia Linhares (Carla), Gracindo Junior (Miguel), Glauce Graieb (Maria Teresa), Ângela Figueiredo (Suzana, a assistente social que no original era uma freira do presídio) e dos novos personagens agregados à trama central, a Cantina do Capo, onde vamos encontrar os personagens Domênico (Carlo Briani), Bianca (Rosaly Papadopoli) e Juliana (Fabiana Alvarez) e, muito especialmente, a presidiária Iracema (Maria Alves). Há, ainda, Cadu (Rodrigo Veronese), o irmão “palayboy” de André, um personagem que, muito embora já existisse na primeira versão, foi completamente atualizado.

A relação inter-racial e social de Juliana (loiríssima) e o empregado da Cantina, Bira (Maurício Xavier) vem incrementando bastante o remake da primeira novela diária.

No mais, o excelente Altair Lima como Jacinto, chefe do presídio e responsável pelo clima de medo no presídio. Nesta versão, é ele que pede para Letícia fazer uma ligação. Na anterior, era uma freira que trabalhava no presídio (agora transformada na assistente social Suzana).

Aguardamos a chegada de Lolita Rodrigues, que na primeira versão foi Vera, a melhor amiga de Emily e depois sua rival. Lolita agora será Helena, a mãe de Letícia (a Emily da primeira versão).

Na primeira versão, a novela tinha apenas 13 personagens. Claro, em 1963 a novela ainda mantinha a estrutura da década anterior com a ação centrada basicamente no casal central. Além disso, a novela, mesmo diária, tinha em média 50 capítulos. **Louca Paixão** está prevista para 140 capítulos e tem pelo menos de início, o dobro dos personagens. Aliás, isso tem ocorrido basicamente com todos os remakes; uma vez que busca-se em tal técnica ampliar as tramas paralelas e até variá-las, partindo-se do pressuposto de que, de um modo ou de outro, várias situações apresentadas pelo remake

já são velhas conhecidas dos telespectadores. É sempre preciso, então, criar novas informações para o telespectador, desde que não se distorça por completo o original.

Então, na atual conjuntura da telenovela brasileira, onde tudo parece que já foi contado, sempre haverá, creio eu, o seguinte caminho: como contar ou recontar uma nova novela. Como preparar a mistura de hoje tendo como base o prato ficcional de ontem? Mas isto já é assunto para uma outra história.

Enfim, de Alberto Migré e Dulce Santucci a Yves Dumont a televisão brasileira apresentou 30 remakes de novelas diárias.

Emoções eternas que foram sendo reescritas, representadas, que se uniram à novas emoções que, depois de novas tornaram-se velhas e boas conhecidas dos telespectadores e por esse motivo eternas. Com ou sem remake, independente da qualidade, são emoções que estão por aí, à nossa volta, sempre prontas a encontrar alguém ou uma multidão para sintonizá-la, para atender a um telefone e, por que não, numa linha cruzada, apaixonar-se por uma voz e começar uma louca paixão, em mais um emocionante capítulo da telenovela brasileira. E se for aquela emoção bem trabalhada, tanto melhor. Se não, aguardamos um próximo capítulo. Já que a vida é movimento e, com certeza, o melhor virá. Então, que venham as linhas ocupadas, cruzadas com seus pecados capitais, babás, mulheres de areia, laranja lima, barão, freiras, ciganas... Uma viagem pelas eternas emoções.

TABELA
ORIGINAL - REMAKE

1.2.5499, OCUPADO
1963, TV Excelsior

LOUCA PAIXÃO
1999, Rede Record

2.ALMA CIGANA
1964, TV Tupi

A SELVAGEM
1971, TV Tupi

3.O DIREITO DE NASCER
1964/65, TV Tupi

O DIREITO DE NASCER
1978, TV Tupi

4.AS PROFESSORINHAS
1965, TV Cultura

AS PROFESSORINHAS
1968, Rede Record

5.A DEUSA VENCIDA
1965, TV Excelsior

A DEUSA VENCIDA
1980, Rede Bandeirantes

- | | |
|--|--|
| 6. ÉRAMOS SEIS
1967, TV Tupi | ÉRAMOS SEIS
1977, TV Tupi e 1994, SBT |
| 7. O TEMPO E O VENTO
1967/68, TV Excelsior | O TEMPO E O VENTO
1985, Rede Globo |
| 8. O TERCEIRO PECADO
1968, TV Excelsior | O SEXO DOS ANJOS
1989/90, Rede Globo |
| 9. A PEQUENA ÓRFÃ
1968/69, TV Excelsior | SONHO MEU
1993/94, Rede Globo |
| ÍDOLO DE PANO
1974/75, TV Tupi | |
| 10. ANTÔNIO MARIA
1968/69, TV Tupi | ANTÔNIO MARIA
1985, Rede Manchete |
| 11. SANGUE DO MEU SANGUE
1969/70, TV Excelsior | SANGUE DO MEU SANGUE
1995/96, SBT |
| 12. AS PUPILAS DO SR. REITOR AS PUPILAS DO SR. REITOR
1970/71, Rede Record | AS PUPILAS DO SR. REITOR AS PUPILAS DO SR. REITOR
1994/95, SBT |
| 13. IRMÃOS CORAGEM
1970, Rede Globo | IRMÃOS CORAGEM
1995, Rede Globo |
| 14. O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
1970/71, TV Tupi | O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
1980 e 1998/99, Rede Bandeirantes |
| 15. NOSSA FILHA GABRIELA
1971/72, TV Tupi | HIPERTENSÃO
1986/87, Rede Globo |
| 16. SELVA DE PEDRA
1972/73, Rede Globo | SELVA DE PEDRA
1986, Rede Globo |
| 17. CAMOMILA E BEM-ME-QUER
1972/73, TV Tupi | AMOR COM AMOR SE PAGA
1984, Rede Globo |
| 18. MULHERES DE AREIA
1973/74, TV Tupi | MULHERES DE AREIA
1993, Rede Globo |
| O ESPANTALHO
1977, Rede Record | |
| 19. OS OSSOS DO BARÃO | OS OSSOS DO BARÃO |

1973/74, Rede Globo NINHO DA SERPENTE 1982, Rede Bandeirantes	1997, SBT
20. A BARBA AZUL 1974/75, TV Tupi	A GATA COMEU 1985, Rede Globo
21. HELENA 1975, Rede Globo	HELENA 1987, Rede Manchete
22. A VIAGEM 1975/76, TV Tupi	A VIAGEM 1994, Rede Globo
23. PECADO CAPITAL 1975/76, Rede Globo	PECADO CAPITAL 1998/99, Rede Globo
24. ANJO MAU 1976, Rede Globo	ANJO MAU 1997, Rede Globo
25. DONA XEPA 1977, Rede Globo	LUA CHEIA DE AMOR 1990/91, Rede Globo
26. FLORADAS NA SERRA 1981, TV Cultura	FLORADAS NA SERRA 1991, Rede Manchete
27. SEU QUEQUÉ 1982, TV Cultura	RABO DE SAIA 1984, Rede Globo
28. MEUS FILHOS, MINHA VIDA 1984/85, SBT	RAZÃO DE VIVER 1996, SBT

TABELA
REMAKE - ORIGINAL

1. AS PROFESSORINHAS 1968, Rede Record	AS PROFESSORINHAS 1965, TV Cultura
2. A SELVAGEM 1971, TV Tupi	ALMA CIGANA 1964, TV Tupi
3. ÉRAMOS SEIS 1977, TV Tupi	ÉRAMOS SEIS 1967, TV Tupi

4.O DIREITO DE NASCER

1978, TV Tupi

5.O MEU PÉ DE LARANJA LIMA

1980, Rede Bandeirantes

6.A DEUSA VENCIDA

1980, Rede Bandeirantes

7.AMOR COM AMOR SE PAGA

1984, Rede Globo

8.RABO DE SAIA

1984, Globo

9.A GATA COMEU

1985, Rede Globo

10.O TEMPO E O VENTO

1985, Rede Globo

11.ANTÔNIO MARIA

1985, Rede Manchete

12.SELVA DE PEDRA

1986, Rede Globo

13.HIPERTENSÃO

1986/87, Rede Globo

14.HELENA

1987, Rede Manchete

15.O SEXO DOS ANJOS

1989/90, Rede Globo

16.LUA CHEIA DE AMOR

1990/91, Rede Globo

17.FLORADAS NA SERRA

1991, Manchete

18.MULHERES DE AREIA

1993, Globo

O DIREITO DE NASCER

1964/65, TV Tupi

O MEU PÉ DE LARANJA LIMA

1970/71, TV Tupi

A DEUSA VENCIDA

1965, TV Excelsior

CAMOMILA E BEM-ME-QUER

1972/73, TV Tupi

SEU QUEQUÉ

1982, TV Cultura

A BARBA AZUL

1974/75, TV Tupi

O TEMPO E O VENTO

1967/68, TV Excelsior

ANTÔNIO MARIA

1968/69, TV Tupi

SELVA DE PEDRA

1972/73, Rede Globo

NOSSA FILHA GABRIELA

1971/72, TV Tupi

HELENA

1975, Rede Globo

O TERCEIRO PECADO

1968, TV Excelsior

DONA XEPA

1977, Rede Globo

FLORADAS NA SERRA

1981, TV Cultura

MULHERES DE AREIA

1973/74, TV Tupi

19. **SONHO MEU**
1993/94, Rede Globo
20. **ÉRAMOS SEIS**
1977, TV Tupi e 1994, SBT
21. **A VIAGEM**
1994, Rede Globo
22. **ÉRAMOS SEIS**
1994, SBT
23. **AS PUPILAS DO SR. REITOR**
1994/95, SBT
24. **IRMÃOS CORAGEM**
1995, Rede Globo
25. **SANGUE DO MEU SANGUE**
1995/96, SBT
26. **OS OSSOS DO BARÃO**
1997, SBT
27. **ANJO MAU**
1997, Rede Globo
28. **O MEU PÉ DE LARANJA LIMA**
1998/99, Rede Bandeirantes
Bandeirantes
29. **PECADO CAPITAL**
1998/99, Rede Globo
30. **LOUCA PAIXÃO**
1999, Rede Record
- O ESPANTALHO**
1977, Rede Record
- A PEQUENA ÓRFÃ**
1968/69, TV Excelsior
- ÍDOLO DE PANO**
1974/75, TV Tupi
- ÉRAMOS SEIS**
1967, TV Tupi
- A VIAGEM**
1975/76, TV Tupi
- ÉRAMOS SEIS**
1967, TV Tupi e 1977, TV Tupi
- AS PUPILAS DO SR. REITOR**
1970/71, Rede Record
- IRMÃOS CORAGEM**
1970/71, Rede Globo
- SANGUE DO MEU SANGUE**
1969/70, TV Excelsior
- OS OSSOS DO BARÃO**
1973/74, Rede Globo
- NINHO DA SERPENTE**
1982, Rede Bandeirantes
- ANJO MAU**
1976, Rede Globo
- O MEU PÉ DE LARANJA LIMA**
1970/71, TV Tupi e 1980, Rede
Bandeirantes
- PECADO CAPITAL**
1975/76, Rede Globo
- 2.5499, OCUPADO**
1963, TV Excelsior

MAURO ALENCAR

Consultor e Pesquisador de Novelas - Rede Globo

Professor de teledramaturgia
Mestre em Telenovela pela Universidade de São Paulo

Abril/1999

BIBLIOGRAFIA

Arquivo **Mauro Alencar**

Fernandes, Ismael. **Memória da Telenovela Brasileira**
Brasiliense, 1997.

González, Reynaldo. **Llorar es un Placer**
Editorial Letras Cubanas, Habana, 1988.

Mazziotti, Nora. **Soy como de la Familia,**
Conversaciones de Nora Mazziotti con Alberto Migré
Editorial Sudamericana, 1993.